

Performance sonora de Vítor Rua e DWART

Perve Galeria – Alfama

15 de Maio - 21h 30

Súmula das performances



Susane Langer escreveu que "a música torna audível o tempo"... Na realidade a Música são abstrações sonoras, movendo-se, criando tempo. O tempo é assim o componente essencial para a compreensão da música e o veículo pelo qual a Música faz um contacto profundo com o espírito humano. O tempo na Música é um tempo virtual; por contraste, a sequência de actuais acontecimentos, são um tempo absoluto (tempo de relógio). Os eventos sonoros são um fluxo, não o tempo! E a Música é uma série de eventos, que contêm não só o tempo, como o

"modelam"... O tempo na Música é uma relação entre as pessoas e os eventos perceptíveis por elas. Toda a Música é ouvida inicialmente como uma sucessão de "momentos". A progressão tonal ou modal, é uma metáfora: na realidade em Música nada se move, excepto a vibração dos próprios instrumentos e as moléculas de ar que chegam até aos nossos ouvidos...

Vítor Rua 2010

Biografia de Vítor Rua



Vítor Rua (n. 1961) iniciou-se no fim da década de 1970 com algumas invenções melódicas que marcaram profundamente o “art rock” português.

Em 1982 foi co-fundador de TELECTU (com Jorge Lima Barreto), onde até esta data se revelou como um solista exponencial de guitarra.

Neste seu trabalho com Telectu encontrou-se com grandes figuras internacionais da improvisação (Daniel Kientzy, Elliott Sharp, Chris Cutler, Jac Berrocal, Carlos Zíngaro, Jean Sarbib, Louis Sclavis, Ikue Mori, Sunny Murray, Paul Rutherford, Evan Parker, Barry Altschul, Giancarlo Schiaffini, Eddie Prevóst, Han Bennink, Gerry Hemingway, Paul Lytton, John Butcher, Steve Noble), afirmando-se como experimentalista e políartista.

Em 1987 num voluntarioso acto de autodidaxia considerou decisivamente o estudo da notação da música contemporânea e neste contexto evoluiu de forma meteórica.

A sua obra reflecte um trabalho de recorte pós-moderno, preliminar, variegado, da recusa empirista da confinção cultural, laivo nas fronteiras estilísticas e ideoletais.

Intérpretes como Daniel Kientzy, John Tilbury, Frank Abbinanti, Peter Bowman, Kathryn Bennets, Bernini Quartet, Remix Ensemble, OrchestrUtópica, Drumming, Giancarlo Schiaffini, Eddie Prevóst, Michael Straus, Jorgan Peterson, Goran Morcep, gravaram e/ ou interpretaram obras deste compositor em concertos e Festivais nacionais e internacionais.

Biografia de DWART



António Duarte,
músico, produtor de som, ex-jornalista

Em 1985 António e Manuela Duarte formaram o duo de pop experimental DWART, que emergiu pela diferença no lendário clube lisboeta Rock Rendez-Vous.

A primeira gravação do duo foi incluída na colectânea em vinyl "Música Moderna Portuguesa - 2ºVolume" (Dansa do Som, 1985).

Explorações audio-plásticas incorporando arte performativa e pintura gestual levaram os DWART a galerias e festivais de arte, como Alternativa Zero e Performarte. O duo foi apoiado pelos TELECTU e manteve colaborações com os músicos Nuno Rebelo e Bernardo Devlin, e com o performer Manoel Barbosa, tendo participado ao vivo num programa da RTP apresentado pelo poeta Ernesto Melo e Castro.

O duo muda-se para Macau em 1987, onde descobre novas fontes de inspiração, assimilando e recriando soundscapes da nova China e abrindo-se ao experimentalismo multicultural.

António Duarte aprendeu a técnica básica do Guzheng com o maestro da Orquestra Chinesa de Macau, Wong Kin Wai. Tocou este instrumento, a convite de Nuno Rebelo, na música oficial da Expo98, e no álbum "Scratch", de Vítor Rua & Os Ressoadores.

Em Pequim, 1992, Duarte colaborou como músico e foi produtor executivo no álbum "Biombos", dos TELECTU, o primeiro CD de músicos ocidentais gravado, editado e distribuído na China pela companhia estatal China Recording Corporation.

Em finais de noventa DWART transforma-se, basicamente, no projecto de um só músico, desdobrando-se na elaboração de soundtracks e no apuramento do trabalho de produção em estúdio. Colabora com o grupo chinês de performance Comuna de Pedra. Faz música para a peça de dança-performance "The Sparkling Hallucination", da coreógrafa e bailarina Jane Lei, representada no Hong Kong Cultural Centre (Festival Journey to the East 99). Produz música ambiental para vernisages dos pintores Kwok Woon (China) e Joanna Ling (Singapura).

De regresso a Portugal, no novo milénio, Duarte dedica-se ao estudo da produção de som e inicia uma nova fase DWART, de abordagem multi-direccional da música electrónica.

Em 2009 numa homenagem musical à China, edita o album "Red Tapes". Para 2010 prepara a edição de "Flying Kites on the Freeway", uma colecção de soundscapes inspiradas por lugares distantes ou imaginários.

Colabora com Vítor Rua na produção de discos e em workshops de música.